

## A QUESTÃO DA MORDIDA NA FASE INICIAL DA CRIANÇA

Iracema Zuliani de Moraes (AC - iracemaok@gmail.com)<sup>1\*</sup> - Gilson Xavier de Azevedo (PO)

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75862-196, Quirinópolis, Goiás.

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é analisar a relação entre o ato de morder e o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. A pesquisa se originou a partir dos estágios na Educação Infantil, quando surgiu a curiosidade em entender o porquê de as crianças morderem e o que aquela mordida expressa ou evidência. Esse comportamento, muitas vezes interpretado de forma superficial, pode ser um reflexo de diversas questões emocionais e fisiológicas que afetam a criança. O problema proposto é se o desejo de morder possui relação direta com a questão comportamental. A hipótese provável para o problema é que as crianças mordem para expressar emoções como raiva, medo, tristeza, solidão, ou simplesmente para aliviar o incômodo do crescimento dos dentes, ou ainda porque estão na fase fálica, um estágio do desenvolvimento psicosssexual, quando a boca é sua ferramenta principal para explorar o mundo ao seu redor. A metodologia utilizada foi a exploratória, de caráter bibliográfico, com uma abordagem qualitativa, que permitiu a análise de estudos existentes sobre o tema, buscando compreender as múltiplas facetas desse comportamento. Prevê-se que, como resultado, a pesquisa contribua para um melhor entendimento das razões subjacentes ao comportamento de morder, oferecendo insights importantes para os profissionais da educação, que poderão aplicar essas descobertas para lidar de maneira mais eficaz com esse comportamento nas crianças. A ampliação das trocas acadêmicas sobre o tema, além de promover uma exploração mais detalhada dos fatores emocionais, sociais e fisiológicos envolvidos na questão da mordida, é um dos principais objetivos da pesquisa.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Fases do desenvolvimento. Mordida.

### Introdução

A questão da mordida na Educação Infantil é um desafio complexo. Crianças em tenra idade frequentemente usam a mordida como um meio de comunicação ou expressão emocional, o que exige uma abordagem sensível por parte dos educadores. Nesse contexto, é fundamental desenvolver estratégias que promovam a compreensão das crianças sobre as emoções e incentivem alternativas saudáveis para se comunicarem.

A pesquisa toma forma a partir das experiências profissionais como auxiliar de sala (monitora) e das discussões vivenciadas no meio escolar, enquanto acadêmica de Pedagogia, que despertaram o interesse pelo problema de pesquisar as manifestações de agressividade e falibilidade na Educação Infantil, apresentadas por meio das mordidas. Essas manifestações podem ter vários sentidos: exploração e conhecimento dos objetos, expressão de ansiedades ou angústias, pedidos de ajuda, liberação de excitação, agitação ou energia, e até mesmo uma mudança de posição da criança de passiva para ativa.

## Considerações Metodológicas

O presente trabalho compreende uma pesquisa exploratória de natureza bibliográfica, incluindo a análise qualitativa das fontes, obtidas por meio de artigos buscados na base de dados Scielo (Gil, 2002). Foi feita uma busca no site Google pelos seguintes termos: Scielo+Mordida+Educação+infantil. Foram analisados os primeiros 20 resultados de artigos da base mencionada com o limite temporal de 2008 a 2023, e foram selecionados 6 para a composição da análise entorno do problema proposto neste trabalho completo. O critério de exclusão dos artigos ora analisados foi a correção direta com o tema em discussão.

## Resultados e Discussão

O estudo considerou, primeiramente, o aspecto biográfico de Jean Piaget, que nasceu na pequena cidade universitária de Neuchâtel, na Suíça, em 9 de agosto de 1896. Piaget é, sem dúvidas, um dos grandes nomes da Psicologia do Desenvolvimento atual. É curioso notar que, apesar de ser considerado um dos maiores psicólogos do Desenvolvimento, Piaget era biólogo por formação e epistemólogo por interesse. Segundo Biaggio (1988, p. 55), o próprio Piaget afirma que começou a estudar crianças apenas como um meio para investigar o problema do conhecimento. No processo de interação com o ambiente, a criança gradativamente desenvolve estruturas psicológicas. Piaget cita o esquema de sucção, explicando que, ao chupar o dedo, o bebê demonstra mais do que o reflexo de sucção: existe uma tendência natural à sucção quando um objeto toca os lábios, mas levar a mão à boca envolve elementos de experiência ambiental. Um bebê possui o esquema de sucção, e isso se aplica não apenas ao seio ou ao bico da mamadeira, mas também a qualquer objeto ou brinquedo levado à boca.

Os autores consultados destacam que os estágios de desenvolvimento cognitivo segundo Piaget são classificados em: **Estágio Sensório-Motor** (0 a 2 anos), quando a criança percebe o ambiente e age sobre ele. Piaget descreve a reação circular primária como o comportamento da criança que, ao levar a mão à boca repetidamente, demonstra interesse em repetir uma ação que produziu um resultado interessante. Já a reação circular secundária envolve a manipulação de objetos,

marcando o início da interação direta com eles. No **Estágio Pré-Operacional** (2 a 6 anos), ocorre o desenvolvimento da capacidade simbólica, acompanhado de uma verdadeira explosão linguística: a criança passa a adquirir um vocabulário mais amplo. No **Estágio das Operações Concretas** (7 a 11 anos), a criança já possui um sistema cognitivo coerente e integrado, com o qual organiza e manipula o mundo. Por fim, no **Estágio das Operações Formais** (12 anos em diante), o adolescente desenvolve a capacidade de pensar de forma abstrata e de formular e testar hipóteses.

No mesmo viés, Sigmund Freud (1856-1939), que se formou em Medicina no século XIX, em Viena, desenvolveu a técnica conhecida como psicanálise e a teoria da personalidade conhecida como teoria psicanalítica. De acordo com Biaggio (1988, p. 103), devido às suas origens na medicina, Freud frequentemente utilizava a patologia como ponto de partida, partindo do pressuposto de que os indivíduos normais compartilham, em grau menor, os problemas e conflitos mais claramente evidentes em casos anormais. Outra consequência de suas origens médicas é a preocupação com pensamentos e sentimentos, em vez de focar no comportamento observável.

Freud define o instinto como uma representação psicológica de uma fonte somática interna de excitação. Em seu modelo, a excitação surge em uma parte do corpo e o comportamento tem a função de reduzi-la, gerando gratificação. Para Freud, a agressão desempenha um papel importante na autopreservação, manifestando-se por meio da competição e autoafirmação. De acordo com as estruturas da personalidade, diante da ausência de um objeto que reduza a pulsão, o indivíduo pode alucinar. Por exemplo, na ausência de leite, o bebê fantasia ou alucina sua presença, sendo influenciado não pela realidade, mas pelo que deseja.

De acordo com Oliveira (2014), Lev Semenovitch Vygotsky trouxe contribuições inestimáveis à educação, mudando completamente a visão antiquada de muitos educadores sobre o processo de aprendizagem. Seus estudos consideram o desenvolvimento humano como resultado de processos socioculturais, enfatizando o papel da linguagem e da interação social na aprendizagem. Vygotsky defendia que a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem conjuntamente, sendo a aprendizagem um produto da vida em sociedade e da experiência coletiva e individual.

A interação social é essencial para tornar o ensino significativo, pois permite a troca de conhecimento entre educadores e aprendizes, beneficiando ambos. Para

Vygotsky, o comportamento humano não é apenas uma resposta a estímulos, mas é constituído por mediações que envolvem signos. O signo, embora não determine diretamente o comportamento, possibilita ao indivíduo sua constituição em um processo complexo que deve ser analisado pelos pesquisadores.

Desde o nascimento, as crianças apresentam potencialidades que se desenvolvem em circunstâncias de interação social. Assim, socialização e infância podem ser compreendidas como fenômenos sociais mediados pelas ideias, práticas, tendências e crenças da sociedade. Segundo Durkheim (2007), a maneira de pensar, agir e sentir, que é coletiva e coercitiva, impõe-se aos indivíduos, independentemente de sua vontade.

A socialização exige das crianças o conhecimento de regras, normas e o aprendizado da convivência. Lima (1990, p. 30) afirma que a escolarização, para Vygotsky, representa uma oportunidade única de desenvolvimento humano, proporcionando aprendizados que dificilmente ocorreriam na vida cotidiana. Nesse sentido, cabe à escola buscar formas de promover objetivos educacionais que incluam o desenvolvimento afetivo, social, pessoal e moral das crianças.

As interações afetivas e cognitivas desempenham papel central nesse processo, especialmente na comunicação. Por exemplo, a frase “Menino, estou muito feliz com seu comportamento” pode gerar diferentes reações na criança, dependendo da entonação, do contexto e da forma como ela é interpretada.

No campo das pesquisas sobre agressividade infantil, observa-se que a mordida é pouco abordada. Estudos mostram que as mordidas, comuns até os três anos, podem ter diferentes significados, como explorar objetos, expressar ansiedade ou comunicar sentimentos (Greenman e Stonehouse, 1994; Costa, 2012). Embora muitas vezes consideradas um comportamento agressivo, as mordidas podem ser compreendidas como uma forma de expressão emocional e de comunicação. Por isso, é essencial que as instituições educativas criem estratégias pedagógicas e promovam o diálogo com as famílias para lidar com essas manifestações, transformando-as em oportunidades de aprendizado e desenvolvimento.

Para Vygotsky, o comportamento humano não se resume apenas à resposta a um estímulo; porém, ele se constitui por intermédio de mediações que são determinadas pelos signos. Desse modo, o signo não determina um comportamento,

todavia permite ao indivíduo sua constituição em um processo complexo que deve ser acompanhado pelo pesquisador a fim de ser compreendido.

Desde o nascimento, a criança apresenta potencialidades que são desenvolvidas em circunstâncias que envolvem a interação social e proporcionam a aprendizagem. Nesse sentido, a socialização e a infância podem ser entendidas como fenômenos sociais, que têm suas ideias, práticas, tendências e crenças exercidas e transmitidas pela sociedade. Isso não aconteceria de forma diferente com as crianças, pois a socialização ocorre antes mesmo do seu nascimento. Como afirmou Durkheim (2007), a maneira de pensar, agir e sentir, que se dá fora da consciência individual e toma o coletivo, é um fato ou fenômeno social, uma força imperativa e coercitiva que se impõe aos sujeitos, quer queiram ou não.

Em um grupo, comunidade ou sociedade, a infância exige das crianças a socialização, o conhecimento de regras, normas, assim como a interação e a vivência com o outro, o saber escutar, falar, enfim, o conviver (Gomes, 2021).

Lima (1990, p. 30) afirma que a escolarização foi considerada, para Vygotsky, como uma possibilidade única de desenvolvimento para o ser humano, uma vez que as aprendizagens que nela acontecem teriam pouca ou nenhuma possibilidade de ocorrer na vida cotidiana.

Desse modo, faz-se necessário esforçar-se mais e buscar formas de promover objetivos educacionais que incluam o desenvolvimento afetivo, social, pessoal e moral de cada criança. Se a criança se encontra desmotivada, ela certamente não terá um bom desempenho e um ensino de qualidade. Assim, é preciso que a escola procure meios para motivar ambas as partes, para que o desenvolvimento infantil não seja prejudicado.

Por intermédio da interação social, a criança pequena apresenta, desde o nascimento, competências que são desenvolvidas através dessas interações, as quais contribuem para a aprendizagem. Quanto mais as atividades se tornam complexas, maiores são as chances de trazerem um significado mais profundo para aqueles que as realizam, sejam adultos ou colegas.

Através das interações afetivas e cognitivas, a comunicação desempenha um papel de grande destaque nesse processo. Por exemplo, a frase: “Menino, estou muito feliz com seu comportamento” pode ter diferentes repercussões no comportamento e desenvolvimento da criança, dependendo da forma como é dita (com ironia, raiva, de

forma séria, com uma piscada de olho, etc.), e ainda de como ela é interpretada pela criança naquele momento.

A socialização é um dos temas de grande relevância dentro do desenvolvimento infantil. Ela é compreendida como promotora de interações sociais entre as pessoas, sendo necessário estimular interações construtivas entre as crianças nesse processo. Essas interações, que vão desde o conflito construtivo até a solidariedade, são oportunidades essenciais para o desenvolvimento global da criança. Esse desenvolvimento inclui numerosos domínios, como o socioemocional, o cognitivo, a psicomotricidade e a personalidade (DeVries; Zan, 1998).

Considera-se, nesse viés, que o(a) cuidador(a) é a figura central no desenvolvimento da criança, sendo a maior referência, geralmente, a figura materna (Bowlby, 1990), especialmente no que se refere aos cuidados dos filhos pequenos. No entanto, nas últimas décadas, devido a mudanças socio-históricas e culturais, a mulher passou a participar cada vez mais do mercado de trabalho e, principalmente, as mulheres-mães têm que reorganizar o cuidado dos filhos para conciliar a rotina de mãe, esposa e profissional (Rossetti-Ferreira et al., 2010).

Sendo assim, as instituições de educação coletiva surgem nesse contexto como um apoio, compartilhando com a família as tarefas de socializar, cuidar e educar, conhecidas como o “tripé de papéis” da instituição (Zanella; Andrada, 2002).

À vista disso, a criança, que antes tinha contato apenas em casa, sendo o centro das atenções da família, passa a ter a possibilidade de interagir e ampliar seus conhecimentos com os profissionais da educação (Amorim; Vitória; Rossetti-Ferreira, 2000; Rapoport Piccinini, 2001).

No primeiro ano de vida, a criança estabelece novos comportamentos adquiridos através da convivência. Assim sendo, ela reconstrói a sua subjetividade a partir de como seu comportamento reflete suas atitudes e como estas são interpretadas (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004).

Vygotsky (1991), ao buscar compreender o desenvolvimento do pensamento e da linguagem e discutir os mecanismos pelos quais a cultura se torna parte da pessoa, afirmou que, desde o nascimento, as atividades da criança assumem significado dentro de um sistema de comportamento social. Dessa forma, as ações do bebê são entendidas de acordo com os sistemas de representação do grupo em que está

inserido. Por meio das relações, inicialmente, as ações da criança são mediadas pelo outro.

Vale ressaltar que, embora se compreenda que a estrutura da personalidade seja social, para Vygotsky isso não significa que, durante o desenvolvimento, o indivíduo apenas reproduza o outro. A linguagem do adulto não é a mesma da criança, logo, a fala está vinculada à atividade própria da criança, que produz algo novo, não obrigatoriamente determinado pelos instrumentos utilizados para produzi-lo.

Observa-se que, na literatura, o tema da mordida é pouco evidenciado, havendo poucos artigos e relativo silenciamento. Os assuntos são abordados, muitas vezes, de maneira genérica, conduzindo questões relativas à agressividade. Há algumas exceções, mas a maioria dos estudos não é feita com bebês. Greenman e Stonehouse (1994) afirmam que mordidas ocorrem normalmente em crianças com até 3 anos de idade. Alguns autores, ao caracterizarem as mordidas, destacam que elas são rápidas, efetivas e, geralmente, têm repercussões imediatas e dramáticas (Banks; Yi, 2007; Greenman; Stonehouse, 1994; Law, 2011; Legg, 1993; Stonehouse, 2010).

O estudo de Costa (2012) contrapõe-se a essa caracterização, ao verificar, em sua pesquisa com bebês em creche, que as mordidas carregam sentidos diferentes e que nem todas desempenham o mesmo papel, apesar de o gesto ser o mesmo.

A agressividade também é vista como um comportamento não adaptativo, em que a criança precisa de ferramentas de autorregulação para lidar de forma positiva ou adaptativa (Mendes, 2009). Outros autores a tratam como inata, inerentemente humana e parte do psiquismo (Andrade; Bezerra, 2009; Luz, 2008).

A mordida pode ser vista como um sintoma em casos nos quais a criança fixa-se nesse comportamento, repetindo o ato diariamente. Esse comportamento pode ser interpretado como um recurso que a criança utiliza para expressar o que está sentindo. Ato como esse servem para mobilizar o adulto e para que a instituição crie oportunidades de lidar com o problema, como a elaboração de projetos pedagógicos com brincadeiras que trabalhem a questão, reuniões interdisciplinares para discutir a situação da criança em sala e conversas com os pais para estabelecer uma parceria com o objetivo de resolver a situação (Venezian; Oliveira; Araujo, 2008).

Na prática, o educador, na maioria das vezes, quer que a criança pare de morder, pois precisa educar diversas crianças ao mesmo tempo. Isso faz parte do seu

papel: ensinar as crianças a conviverem socialmente. No entanto, esse aprendizado pode ser prejudicado pelas manifestações agressivas que acontecem na sala.

### Considerações Finais

Observou-se que a mordida pode ter vários sentidos: expressão da ansiedade ou angústia, pedido de ajuda, conhecimento de objetos, descarrego de excitação, agitação, energia, a falta da mãe e pode ainda ser mudança de posição da criança passiva para ativa. A disputa por brinquedos é um exemplo frequente, cuja criança morde o amiguinho querendo o mesmo brinquedo. Neste momento o adulto pode abordar a criança dizendo que essa não é a melhor forma de conseguir o brinquedo, ele pode apresentar um outro objeto ou uma atividade para que a criança se interesse e perceba que a outras formas para lidar com angústias, excitações e ansiedades. A criança pode então utilizar a mesma zona erógena de forma aceita, falando, cantando, gritando (Venezian; Oliveira; Araujo, 2008).

### Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás, por possibilitar a realização desta pesquisa.

### Referências

BIAGGIO, Angela Maria Brasil. A Teoria de desenvolvimento intelectual de Piaget. In: **Psicologia do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 53 - 59.

BIAGGIO, Angela Maria Brasil. A Teoria Psicanalítica. In: **Psicologia do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 103 - 120.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes 2007. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/durkheim-c3a9-as-regras-do-mc3a9todo-sociolc3b3gico.pdf> Acesso em: set, 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Lisandra Ogg. Infância, participação e socialização. **Psicol. Conoc. Soc.**, Montevideo, v. 11, n. 1, p. 85-96, 2021. Disponível em [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-70262021000100085&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262021000100085&lng=es&nrm=iso). Acesso em: set, 2023. Epub 01-Jun-2021. <https://doi.org/10.26864/pcs.v11.n1.6>.

OLIVEIRA, Jose Fabiano De Araujo. **As Contribuições de Vygotsky para a Psicologia e Educação**. Anais IV ENID / UEPB... Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/9945>>. Acesso em: set, 2023.

PINTO, Raquel Gomes; BRANCO, Angela Uchoa. Práticas de socialização e desenvolvimento na educação infantil: contribuições da psicologia sociocultural. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 511-525, 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X2009000200020&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2009000200020&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: set, 2023.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.) Como **Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade**: Teoria e Prática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2013, p. 76-97.

Saullo, R. F. M., Rossetti-Ferreira, M. C., & Amorim, K. S. (2013). Cuidando ou tomando cuidado? **Agressividade, mediação e constituição do sujeito: um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche**. *Pró-Posições*, 24, 81-98. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-73072013000300006>. Acesso em: set, 2023.

VENEZIAN, Juliana de Albuquerque, OLIVEIRA, Bruna Ronchi and ARAUJO, Maria Augusta da Costa. O manejo da agressividade da criança: o que uma mordida quer dizer? In: FORMACAO DE PROFISSIONAIS E A CRIANCA-SUJEITO, 7., 2008, São Paulo. **Proceedings online...** Available from: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032008000100041&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032008000100041&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: set, 2023.